

Centro de Ciências e Saberes, dissonâncias e inflexões: os designados centros de ciências e saberes e as relações de troca entre gerações¹

Patrícia Maria Portela Nunes-UEMA ²

Palavra chaves: povos e comunidades tradicionais, coleções e relações de pesquisa

Introdução

Atividades de pesquisa concernentes a iniciativas específicas de criação dos chamados “Centros de Ciências e Saberes” efetuadas por membros de unidades sociais autodesignadas *indígenas, quilombolas e/ou comunidades tradicionais* têm permitido reunir uma variedade de registros, anotações e impressões sobre **a curadoria de coleções** de objetos que destoam de iniciativas de caráter convencional referidas à montagem e estruturação de museus oficiais, aqueles intrinsecamente ligados a processos históricos de “invenção das nações” e/ou de sua manutenção em situações do presente consoante às análises já clássicas de Anderson (2008) e Hobsbawm (1990). Coleções oficiais podem organizar objetos em galerias do conhecimento ilustrado tanto quanto dar a público definições daquilo que é tido como típico ou genuinamente ‘nacional’ ou, por derivação, ‘regional’. A organização dessas coleções no Brasil colonial permitiu promover o conhecimento em Ciências Naturais, tanto quanto determinar os rumos do desenvolvimento econômico exaltados nas famosas Exposições Mundiais, também organizadas nacionalmente e regionalmente (Castro, 1993).

Os designados Centros de Ciências e Saberes cuja montagem e estruturação resulta de relações de trabalho estabelecidas entre membros de unidades sociais autodesignadas *indígenas, quilombolas e/ou comunidades tradicionais* vêm sendo acompanhados por pesquisadores de universidades públicas referidos ao Projeto Nova Cartografia Social (PNCSA)³ há mais de uma década. Tais atividades de pesquisa podem

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Doutora em Antropologia, professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e do Programa em Cartografia Social e Política da Amazônia.

³ Em caráter de trabalho mais sistemático, pode-se dizer que o PNCSA iniciou suas atividades em 2004/2005 como se depreende do catálogo publicado em 2013 que reúne livros, mapas e fascículos publicados, registros de simpósios e vídeos (Almeida e Farias, 2013). Há aí colocado as propostas de trabalho e pesquisa referidas a uma ‘nova cartografia social’, que se distingue da cartografia como ciência ou de visões instrumentais que balizam a chamada cartografia social. De acordo com o site mantido pelo PNCSA o objetivo do Projeto é “dar ensejo à auto-cartografia dos povos e comunidades tradicionais na Amazônia. Com o material produzido, tem-se não apenas um maior conhecimento sobre o processo de ocupação dessa região, mas sobretudo uma maior ênfase e um novo instrumento para o fortalecimento

ser pensadas como desdobramento de trabalhos desenvolvidos no âmbito da nova cartografia social. Isto é, em algumas situações de pesquisa realizadas no campo da nova cartografia social foi possível perceber a existência de iniciativas próprias de organização de pequenas coleções de artefatos, por vezes numa “associação”, por vezes numa “casa”, residência de uma família, ou num pequeno “museu”, mantido por associação ou por um movimento social, estando atreladas a alguma reivindicação. Notávamos que, por vezes, havia a intenção de se organizar coleções de artefatos, mas não se tinha os recursos para isso. Observávamos que havia nas comunidades modos próprios de manter viva a memória de certas lutas, contar determinadas histórias de tempos pretéritos, recuperando inclusive a história dos que são considerados como “os primeiros moradores” de uma certa unidade social, tidos como os “fundadores” de um agrupamento social. Estes personagens que integram a história de uma coletividade podem ser antepassados do grupo, com nome e sobrenome, por assim dizer; isto é, facilmente identificados pelas relações de parentesco com gerações pretéritas. Mas podem estar objetivados em narrativas míticas de tempos pretéritos e permitir inclusive a descrições de atributos mágicos que trazem racionalidade aos feitos históricos destes antepassados. Através destas narrativas é possível se depreender encontros e lutas do passado. Há aqueles que deslindam de modo preciso e minucioso gerações daqueles tempos como antagonistas do grupo ou responsáveis por impor formas de imobilização da força de trabalho.

As discussões travadas no âmbito das atividades de trabalho mantidas por pesquisadores, curadores e membros das unidades sociais pareciam recuperar a ideia de “museus vivos” porquanto rejeitavam toda e qualquer noção que implicassem repetição ou cristalizações não afeitas à dinâmica da vida social. A ideia de um museu como lugar da repetição que dá lugar ao peso do passado e que tem como função a transmissão de costumes, memórias, crenças e valores de uma geração para a outra parecia ser negada com a proposição de “museus vivos”. Estes pareciam se colocar na contramão de toda e qualquer noção que

dos movimentos sociais que nela existem. Tais movimentos sociais consistem em manifestações de identidades coletivas, referidas a situações sociais peculiares e territorializadas. Estas territorialidades específicas, construídas socialmente pelos diversos agentes sociais, é que suportam as identidades coletivas objetivadas em movimentos sociais. A força deste processo de territorialização diferenciada constitui o objeto deste projeto. A cartografia se mostra como um elemento de combate. A sua produção é um dos momentos possíveis para a auto-afirmação social. É nesse sentido que o PNCSA busca materializar a manifestação da auto-cartografia dos povos e comunidades nos fascículos que publica, que não só pretendem fortalecer os movimentos, mas o fazem mediante a transparência de suas expressões culturais diversas” _ <http://novacartografiasocial.com.br/apresentacao>.

indicasse repetição ou se aproximasse em termos semânticos da ideia de morte, como as noções de mumificação e tombamento podem sugerir. Apesar da relevância desta crítica fomos assistindo a noção de museu vivo dar lugar à expressão “centro de ciências e saberes”.

Os CCS's e os critérios de nomeação: memória coletiva e a atualidade do passado

Além de uma crítica aos processos de mumificação que podem estar implicados e na organização de coleções museus, a noção “centro” merece maior atenção já que pode conter visões sobre a dinâmica da vida social e de pautas reivindicatórias que merecem ser entendidas em cada uma das situações empíricas, exigindo análise concreta de uma situação concreta. De outra parte, parece haver um debate implicado na qualificação como “ciência” e como “saber” que mobiliza cada uma das iniciativas em curso de criação destes CCS's. Desde 2013 até o presente, os pesquisadores ligados aos PNCSA têm desenvolvido atividades de trabalho em diferentes CCS's localizados na Amazônia e no nordeste, totalizando 22 (vinte e duas) iniciativas em curso⁴. Há entretanto, alguns elementos em comum que chamam nossa atenção e merecem reflexão crítica, a exemplo dos critérios de atribuição dos nomes desses Centros de Ciências e Saberes (CCS's). Impossível não notar que a designação de certos CCS's faz menção explícita a membros vinculados a gerações pretéritas, a saber: Apolônio Machado, Penalva (MA); Centro de Ciências e Saberes Mãe Anica em Canelatiua, Alcântara (MA); Centro de Ciências e Saberes Mãe Pruquera do Quilombo Camaputiua, Cajari (MA); Centro de Ciências e Saberes Mãe Severina Pires Belfort Associação dos Produtores Rurais Quilombolas de Santa Rosa dos Pretos, Itapecurú (MA); ; Centro de Ciências e Saberes Francisco Melo

⁴ A saber: Centro de Ciências e Saberes Karapaña Manoel Paulino (AM); Centro de Ciências e Saberes Tradicionais Kokama Antônio Samias (AM); Centro de Ciências e Saberes Tradicionais Kokama Yatsi Ikira/Lua Verde (AM); Centro de Ciências e Saberes Benedito Rodrigues da Costa - Quilombo do Andirá; Quilombola Flória Pereira de Jesus São João do Urucurituba (AM); Associação dos Produtores Agroextrativistas e Beneficiadores de Castanha de Amaturá (AM); CCS dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro Carmelita Nunes da Conceição "Carmé" – Tabatinga (AM); CCS Francisco Melo - Quilombo Jauari - Rio Erepecurú (PA); CCS Mãe Cachoeira – Quilombo do Cachoeira Porteira-Oriximiná (PA); CCS Teodoro Lalor de Lima e Dona Raimunda de Jesus Corrêa Carneiro "Museu Quilombola de Marajó"(PA). Centros de Ciências e Saberes e o Maranhão: 11 CCS Apolônio Machado – Penalva (MA); 12- Centro de Ciências e Saberes Mãe Anica em Canelatiua (MA); 13 Centro de Ciências e Saberes-mãe Pruquera Quilombo Camaputiua Cajari (MA); 14- CCS Severina Pires Belfort Associação dos Produtores Rurais Quilombolas de Santa Rosa dos Pretos (MA); 15 Museu Casa Branca de Vila Conceição Imperatriz (MA); 16 CCS do Povo Truká- Tupan, Paulo Afonso, Bahia.; 17 CCS Memorial Caboco Abolador (BA); 18 CCS do Amaro, Povo Pankararé (BA); 19 CENTRO DE CIÊNCIAS E SABERES DO MATO GROSSO: CCS CHIQUITANO – MT ; 20 CENTRO DE CIÊNCIAS E SABERES DO TOCANTINS; 21 CCS XERENTE –TOCANTINS (TO); 22 Centro de referência e Memória das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais do Maranhão.

- Quilombo Jauari - Rio Erepecurú (PA); CCS Mãe Cachoeira – Quilombo do Cachoeira Porteira-Oriximiná (PA). A inclusão da designação “mãe” explicita o vínculo entre gerações. Entretanto, há certas distinções que somente a descrição e a análise detidas permitem discernir. Vejamos a designação mãe pode demarcar apenas uma geração, como diferentes gerações assumindo, assim, uma forma de demarcar que a descendência do grupo é traçada pelo lado feminino. O substantivo “mãe” pode assumir o sentido de uma matriarca, como ocorre com Mãe Pruquera e Mãe Anica. Contudo, as relações com as territorialidades específicas são distintas: Mãe Pruquera é considerada como a fundadora do quilombo no passado colonial estando ligada à geração que fugira da fazenda Tramaúaba, de propriedade da família Viveiros; uma das famílias que integra a chamada “aristocracia alcantareense”, conforme a interpretação do Historiador Jerônimo de Viveiros (1975) sobre a classe dirigente do período colonial. O território quilombola de Camaputua reivindicado no presente e certificado desde 2026 pela Fundação Cultural Palmeres incorpora ao pleito territorial as relações dos descendentes de Pruquera com a fazenda Tramaúaba. Tendo sido progenitora de oito filhos homens, Mãe Anica é considerada a matriarca da família Serejo, uma das famílias beneficiadas pela doação cartorial de terras, efetuada em passado colonial, que assegurou a liberdade dos escravizados bem antes da Abolição propiciando o controle dos recursos naturais livre das grandes plantações em Alcântara (Mourão, 1975). Embora não explicitado na designação, sabemos que Apolônio Machado e Francisco Melo estão referidos a ascendência dos atuais curadores e/o membros das unidades sociais de referência: Apolônio Machado é pai da senhora Nice Machado Aires, curadora da coleção e liderança quilombola de grande reputação na região da Baixada Maranhense. Francisco Melo é pai de Daniel Melo, curador da coleção de artefatos do CCS’s do Quilombo Jauari, localizado Rio Erepecurú do Pará. Mais que progenitor do senhor Daniel, a reputação e importância de Francisco Melo ultrapassa as relações de consanguinidade porquanto seja reconhecido como importante *sacaca* do Amazonas e, como tal inúmeros *sacacas*, lideranças religiosas do Amazonas são a ele referidos. A prática de cura dos chamados *Sacacas* ou de doutores de ossos, benzedores, pajés, curadores, doutores do mato, dentre outros sacerdotes com poderes de cura de doenças físicas e espirituais constituem-se em “saberes tradicionais” que podem ser pensados através de mecanismos próprios de transmissão que não estão direcionados a simples repetição ou conservação do passado. Além disso, Francisco Melo teria, conforme os relatos, previsto a chegada da mineradora nos anos 1970 tornando-se

referência no domínio das mobilizações sociais em favor dos direitos dos quilombolas do Erepecurú.

Podemos inferir que os critérios de nomeação dos CCS's não consistem em simples reprodução acrítica de atos laudatórios, mas revelam relações de troca entre diferentes gerações que merecem nossa atenção. Como refletir sobre tal regularidade? Como conceitos como memória, memória coletiva ou tradição podem ajudar a problematizar tais iniciativas de criação dos CCS's?.

Nice e Apolônio: narradores e a presencialidade do passado

Sem a pretensão de dar conta da construção de um debate filosófico que tematiza a memória e suas relações com fatos concretos o imaginados sobre o passado ou sobre se caráter coletivo ou individual proponho, por ora, trazer a visão de uma curadora de uma coleção quilombola sobre aquele antepassado homenageado através CCS's ao levar seu nome. Trata-se de uma entrevista formal realizada por mim e Cynthia Martins em junho de 2024 no Centro de Ciências e Saberes Apolônio Machado, ao realizarmos uma viagem para Penalva no âmbito de atividades de pesquisa. Em vez de me questionar sobre a veracidade das relações estabelecidas com o senhor Apolônio Machado importa-nos observar as afirmações identitárias contidas na fala da senhora Nice Machado Aires, de sorte a buscar compreender como narradores tornam suas narrativas formulações daquilo que eles são. Reproduzo abaixo excertos da entrevista:

Patrícia: Se eu lhe fizer uma pergunta, ou melhor, se eu lhe pedir para senhora me dar um depoimento sobre seu Apolônio Machado, o que que a senhora me diria sobre ele?

Nice: está gravando?

Patrícia: sim.

Nice: Boa tarde, o meu nome de luta é Nice, de documento Maria Nice Costa Machado. Hoje em nível Nacional estou na Secretaria de Mulher, no CNS, Conselho Nacional de Populações Extrativistas Conselho Nacional dos extrativistas. E também faço parte de uma rede, Bioma Mundial. E também faço parte de uma rede. E, aqui no Estado, eu represento a ACONERUQ, Associação das Comunidades Negras Rurais e Urbanas Quilombola do Estado do Maranhão. Moro aqui nessa comunidade. E agora a gente está fazendo parte da política partidária, eu fui escolhida aí pela população como pré-candidata à prefeita. Aí todo mundo se articulou, colocou me nome e a gente segurou porque e fui escolhida! A gente faz parte de todas as políticas, das seis políticas só uma dessas qe mais nos atinge. Eu sou do partido dos trabalhadores do PT. A gente tem uma equipe boa de 14 vereadores vice. Tudo só numa luta.

E aqui a gente vai falar um pouco agora mais da questão histórica da nossa luta. Eu queria falar um pouco da história do Senhor Apolônio Machado a Polônia Machado, era meu pai. Era uma pessoa que não sabia ler, mas ele era formado em conhecimentos tradicional. Ele era muito inteligente, super inteligente. Era um homem muito bom de conhecimento. A primeira pessoa que saiu daqui da zona rural para São Luís. Foi ele. Ele saiu daqui e chegou até o governador. Ouvindo pela rádio. Porque era muito difícil uma pessoa chegar e falar com o governador e ele lutou enquanto ele não chegou no Governador para falar. Sobre a luta e a história daqui e sobre os movimentos do Estado do Maranhão, então uma pessoa sair daqui de pés. Era mais de 15 dias de viagem e chegar para falar com o governador há muita coisa.

Patrícia: e a senhora tinha quantos anos nessa época?

Nice: Eu era pequena. Acho que nessa época tinha quatro anos. E ele disse que ia que enquanto ele não chegasse para falar com ele, ele não ia atender ninguém no meio do caminho. Ele foi conversou com o governador, passou oito dias. Aí depois de um mês ele chega aqui de novo. E aí com toda a explicação, ele foi dizendo para o povo. Como é que a partir de agora ele ia tirar documento porque ele não tinha documento. Ele que começou essa luta. Por falar nisso que as mulheres tinham que ter documento. E só ele tinha minha mãe não tinha. Ele começou essa luta e eu acompanhei com ele. Aí nesse tempo às vezes minha mãe chorava pensando será que ele não vem? Botar a água nos olhos e eu não sabia o que que era. Chorar eu não sabia nem o que que era chorar e pensava nele. Então ele veio se articulando fazendo um trabalho com todas as informações e começamos na luta e ele era uma pessoa também que gostava de Cultura.

Meu pai gostava de tambor de crioula, de bumba boi. Ele não era curador. Mas ele gostava e respeitava a cultura do africano, dos benzedores., dos rezadores da parteira negra. Ele sempre deu esse valor. Ele também era do extrativismo. Ele também era extrativista. Tinha uma preservação muito grande pela água pela Floresta. Ele já tinha aquilo de dom dele mesmo. Ninguém disse nada. Ele já vinha observando aquilo que era bom para a vida de todo mundo.

Ele também lutava para fortalecer e respeitar as culturas. E ele sempre brigou para que tivesse as escolas rurais. Nesse tempo nós não tínhamos escola de governo. Ele se organizava para pagar a escola para quando nós crescermos poder estudar. Então ele já vinha fazendo tudo isso, sem ninguém dizer para ele. Aquilo era dele mesmo, muito inteligente. Ele dizia não estudei porque eu não sabia nem o que era escola. Mas a gente sabe que a gente aprende no ler é um segundo conhecimento. Então ele sempre foi uma pessoa que era como se fosse um tipo de um representante, as **pessoas seguiam muito ele**. Ele que dizia que era para como era para tirar o documento. Primeiro ele dizia para as pessoas casarem como é que era para registrar filho. Depois é que foi esbandalhando as coisas, mas no começo era assim todo mundo legalizado. Ele entrava em contato com cartório. O cartório atende só uma pessoa, mas quando era ele eram 100 pessoas por mês. Ele conseguiu fazer uma diferença em Penalva. Daí ele ia nas comunidades todinhas com essa explicação. Então tá o que ele me dizia que tinha gente com 100 anos que não conhecia Penalva. Nasceu lá na comunidade não conhecia Penalva. Tinha gente que nunca tinha nem calçado um sapato. Foram conhecer depois que começaram a vir para cá. Tinha muita gente, inclusive que se aposentou nessa época.

Patrícia: ele era do sindicato?

Nice: ele era, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. E depois ele também era religioso de igreja católica. Ele era muito de igreja, ele não sabia ler, mas ele entendia muito bem a fala da Bíblia. Ele achava que a Bíblia era uma biodiversidade, falava da terra, da água de animais de tudo. Ele se preparava nela. Porque às vezes você lê mas não compreende. E você não contribui com o que tá dizendo. Então, ele foi uma pessoa muito importante aqui no município. Era difícil ter uma pessoa que não conhecia ele porque ele conhecia todas as comunidades. E já ia fazendo reunião conversando. Aí quando foi um dia chegou um professor, disse assim para ele. O senhor é muito inteligente, deixa fazer uma pergunta. Você já riscou fósforo em patacho,? Patacho é um ferro, né? Ele disse: ainda não que até hoje não preciso. Eu ainda tenho a caixa de fósforo quando acabar. Porque tudo ele sabia tudo, ele era por dentro porque ele era muito **atencioso**. Então ele deu muito essa educação para a gente.

Patrícia, quantos filhos ele teve dona Nice?

Nice: ele teve oito filhos. Então ainda existem sete vivos. Só um que faleceu pequeno. Eu acho que quem herdou esse dom dele era eu. Depois quando eu comecei a trabalhar, que que acontece ele arrumava o dinheiro e me dava escondido. _ Olha tu vai viajar, tome esse dinheiro não deixa a tua mãe saber. Porque como ela foi acostumada só viver em casa, trabalhando cuidando de filho, ela dizia não, minha filha não sai. E ele dizia: Não a gente aprende é saindo. Ele já tinha me dado o dinheiro para eu viajar assim que era. Às vezes ele tirava escondido porque ele achava que eu tava fazendo uma coisa boa. Que eu tinha muita experiência muito conhecimento, então ele para mim. Ele foi um dos maiores historiadores daqui.

Patrícia: tem alguma coisa dele aqui no centro ciências e saberes?

Nice: Olha nós temos algumas coisas, nós temos **balança** que pesava as coisas. Tinha pessoas que ia comprar arroz. Ele sempre vendeu o pandeiro de arroz. Ele pesava na balança. Para colocar no meio alqueire. Ele usava a medida, mas ele usava o peso.

Patrícia: ele plantava arroz?

Nice era trabalhador de tudo. Ele trabalhava a roça, mas ele tinha uma educação que ele não gastava 10% da área. Ele trabalhou o tempo todo no mar. É que não gasta 10%. Ele trabalhou o tempo inteiro numa área que ele não gastava 10% porque ele tinha o respeito. Para não roçar nos igarapés onde tinha uma área madeira. Ele ia ver onde tinha abelha não tinha pato onde os animais se escondiam. Ele não mexia nisso e ele trabalhava nessa parte aqui. Ele trabalhava numa parte aqui. Ele fazia cerca quando queimava para não ir para o mato.

Nesse mesmo mato primeiro ele tirava o milho. E deixava o arroz do arroz. Ele deixava a mandioca quando eu tirava as vezes era no baixo. Ele tirava. Melancia ele plantava, plantava feijão, ele plantava maxixe. Nunca ficava sem ter nada. **Ele era muito inteligente em termos de plantio de tudo**. Ele era um cara muito **preparado** e a pessoa achava que ele sabia ler mesmo. Muito bem preparado, então tem muitas coisas dele que ficou como tambor de crioula. A gente tem cantador. Nós temos muita coisa ainda que é dele que eu preservo.

Patrícia: e a sua mãe?

Nice: a minha mãe também. Depois ela aprendeu comigo, ia nas reuniões, viajava comigo. E depois de mim ela começou a sair. Eu conversava com ela e ela também era muito guerreira a minha mãe. Ela também tinha cultura. Era uma mulher muito inteligente. Você chegava na casa dela. Ela conversava com todo mundo. Sempre trabalhou com ele. Ela sabia ler um pouquinho. Sabia acionar assinar e ela era muito boa também, mas nesse sentido ele saía mais do que ela. **Luzia Costa Machado** e ele era a Polônia Machado.

Patrícia: como é que começou essa movimentação de criar esse museu.

Nice: olha essa questão do **museu começou pela história do meu pai**, tudo que você trabalhava no passado. Ficou como história. Olha se ele trabalhava no Machado ele guardava. Tudo que ele usando ele ia guardando. Ele deixou um monte de coisa importante para mostrar para as pessoas que tinha gente que não sabia o que era. Então, quando a gente tem uma história muito verdadeira, a gente acha que a verdade da gente é a história. Que Nós estudamos a nossa história muito verdadeira, a gente acha que a verdade da gente é história.

A gente começou a reunir aqui com as comunidades porque muitas gente vinha ver as coisas aqui. Reunir as comunidades que nós fizesse um lugar para reunir todas essas coisas nossas que tem validade num local. E como aqui já tinha um quarto que eu tinha a gente já vinha colocando coisa, tinha criança que não sabia mais o que era serrote veio conhecer depois aqui com essa história muita gente apostou que tinha um lugar para colocar, só que ninguém queria trazer para cá. E aí nós resolvemos fazer um quarto na associação e colocando as coisas e guardando para ficar como história da gente. Início veio muita doação para cá de outros lugares de outros engenhos lugares onde as pessoas se autodefiniam como quilombolas.

E as pessoas quando entendem uma coisa. Elas têm sentimento, então Eles vieram trazendo para cá. E aí quando a gente começou a discutir foi o tempo que a gente começou trabalhar com Cynthia com vocês aqui tudinho.

Patrícia: a primeira vez que a gente veio aqui aquele quartinho tinha uns cinco objetos, era um aparelho de tambor, uma santa, um pote, tinha um boi e um fuso.

NICE: Então essas coisas foram doadas lá para casa do Maranhão. Essas coisas ficaram lá daqui. A gente doou para lá. Aqui já é outro aparelho de tambor. Essa é mais velha, a gente sempre deixou aqui. Tinha também o chapéu de pena tudo a gente mandou para lá.

Patrícia: e a gente foi naquele tempo lá na Enseada da Mata no engenho do seu Joaquim. Para ver os tachos nisso, nós temos cinco tachos.

Nice: nós temos cinco tachos. Que nunca furou que estão lá como elas são muito pesadas. Aí seu Joaquim fica responsável com outros presidentes para ninguém mexer lá. Nós temos tudo isso na Enseada da Mata e nós temos também o material dos outros engenhos. Tenho um monte de tacho tem de Sam Sapé tem de São Luís. Aí nós temos também doação de parteira que mandaram para cá. Doação de roupa de cor. A dor curador, doação de roupa também de bumba. Boa! Então essas coisas que eram do **passado de 100 anos atrás estão tudo guardadas aqui**. E agora também. Nós temos algumas coisas importantes que ainda não estão no documento. Nós temos o sino? Buzina nós temos chocalho. Nós estamos cabaça. Nós temos cangalha.

Patrícia, quem dou a cangalha
NICE quem doa cangalha foi a comunidade São José.

Patrícia e hoje ainda se usa.

Dona Nice. Na **zona rural se usa para trazer coco do mato e trazer a mandioca** agora aqui para cidade já tem moto já tem carroça. Então é uma das coisas mais importantes que a gente lutava para se firmar. Uma outra coisa importante era buzina no lugar de telefone e internet. Você apitava ela tinha cinco tipos de som, um avisando.

Açougue para comprar alguma coisa era um avisando que tinha festa. Um avisando que alguém ganhou neném.

Um avisando que alguém estava doente que era para levar na rede.

Então tinha as Comunicações a pessoa aptava.

E falava uma coisa diferente.

Cynthia: pelo tipo de apito

Nice: Isso já entendeu então a buzina era como o celular e a internet de hoje.

Então **tudo isso foram meios de comunicação** que a gente utilizou durante muito tempo. Tem comunidade que ainda usa a buzina? Nós ainda usa em alguma comunidade que não tem telefone que não tem energia ainda?

Patrícia: a Geovana. já começou a contar um pouco para gente que vem muitos alunos da escola visitar aqui e de onde mais.

Nice: olha aqui já procurou daqui do Maranhão, de 36 municípios e aqui. das escolas todas as escolas a gente vai fazer palestra lá e eles vêm aqui também para conhecer que tem criança com um saber. Tem criança que vem cedo para cá. Elas não sabem o que a cangalha. A gente explica para eles como é que é a farinha? Porque que tem que dar valor no agricultor, porque se não tiver a farinha, arroz, feijão, peixe, pescado não se vive. Então essa fala que a gente fala as para eles para eles entenderem que não podem ficar sem a zona rural, sem a floresta sem, o campo sem agricultura só vive quem estuda, mas tem que se alimentar. Então desde as crianças a gente tem essa palestra com eles. É difícil assim que você chegar no lugar que as pessoas não digo a conheço.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de . FARIAS JÚNIOR, Emmanuel de Almeida (orgs). Catálogo Nova Cartografia Social da Amazônia. Manaus, UEA Edições, 2013.

ANDERSON. Benedict. R. *Comunidades Imaginadas*: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASTRO FARIA, Luiz de. *Antropologia. Espetáculo e Excelência*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ – Ed. Tempo Brasileiro, 1993.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- HOBBSBAWM, E. *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1990.
- MOURÃO SÁ, L. O pão da Terra - propriedade comunal e campesinato livre na Baixada Ocidental Maranhense. Dissertação (Mestrado) – PPGAS - Museu Nacional – UFRJ. Rio de Janeiro, 1975.
- VIVEIROS, J. de. Alcântara no seu passado econômico, social e político. 2. ed. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1975.